

## A AQUISIÇÃO DA ESCRITA ALFABÉTICA – A PROGRESSÃO NA ESCRITA DE ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL<sup>1</sup>

Maria Renata Braga dos Santos 2 - Marista São Luís

Eixo Temático: Ensino Fundamental

### Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar o processo da escrita alfabética de alunos do 1º ano do Ensino Fundamental I. A escrita alfabética é a última fase da aquisição da escrita, é quando a criança consegue perceber corretamente a relação que há entre escrita e fala. Questionamos de que forma ocorre o avanço das fases da aquisição da escrita até o alcance da escrita alfabética de alunos do 1º ano do Ensino Fundamental I numa escola particular de ensino no município do Recife. O *corpus* deste trabalho constitui-se de observações da prática docente de uma professora do 1º ano do Ensino Fundamental I da cidade do Recife, bem como da diagnose de 11 alunos da escrita alfabética. A análise desses instrumentos fundamentou-se nos estudos da psicogênese da escrita que considera que todas as crianças para alcançar a escrita alfabética passam por todas as fases de aquisição da escrita. Os resultados demonstram a importância da intervenção da professora nesse processo para aquisição da escrita alfabética ao respeitar cada fase desse processo. Consideramos a prática do professor, os recursos didáticos nas atividades realizadas, as explicações concedidas e seu planejamento para auxiliar no avanço de cada fase para aquisição da escrita durante o semestre, e como tudo isso refletiu de forma significativa nos alunos.

**Palavras-chave:** Aquisição da escrita. Escrita alfabética. Prática docente.

### Introdução

Quanta coisa que há no mundo: Há coisas que a gente entende... E há coisas que a gente não entende

(RUTH ROCHA)

A fala da epígrafe, do livro *O menino que aprendeu a ver*, retrata o espanto do personagem João diante do mundo das letras, sinais indecifráveis para ele. Das placas nas lojas ao nome no letreiro dos ônibus, estavam expostos símbolos que ele não assimilava.

<sup>1</sup> Este artigo faz parte da pesquisa “Gente, eu já sei ler! - a apropriação da escrita alfabética no 1º ano do Ensino Fundamental I”, realizada no ano de 2015 como trabalho de conclusão de curso de Pedagogia.

<sup>2</sup> Pedagogia. E-mail: renata.braga2015@outlook.com.

Sentia-se cego diante do mundo. Como descobrir o que esses desenhos estavam transmitindo? Que mistérios estavam por trás desses conjuntos gráficos? Assim, para desvendar todo esse mistério, João foi à escola para aprender a ver esse mundo tão cheio de desenhos que ele não compreendia. Essa descoberta vai acontecendo aos poucos. Em cada desenho gráfico, ele vai enxergando o mundo das letras. É dessa forma que enxergamos a aquisição da escrita alfabética, como descoberta, um enxergar passo a passo.

De uma fase a outra da aquisição da escrita, o mundo se revela dando sentido e significados a partir da descoberta dos símbolos, fase a fase aprendendo a ver ao ler. Essa investigação tem estreita ligação com a experiência no trabalho com crianças nessa fase de escrita, trazendo-me inquietações ao perceber as dificuldades apresentadas em suas fases para essa apropriação. Preocupante o número de alunos que chegam ao 1º ano do Ensino Fundamental I sem terem se apropriado da escrita alfabética, em uma fase da escolarização que prima por um avanço que, infelizmente, ainda deixa a desejar. Para as crianças se apropriarem do nosso sistema de escrita, é fundamental que elas compreendam seu processo de construção e suas regras de produção. Ferreiro (2001) diz que as crianças enfrentam questões de ordem conceitual e não apenas de transcrição dos sons, de memorização de letras, de percepção sonora das palavras ou de técnicas de grafia. A não compreensão é o fator responsável por insucessos como este, de chegar ao Ensino Fundamental sem ter como própria a escrita alfabética. Diante de minhas crianças, aquelas que não são minhas e essas que estão embarcando nesse processo de escrita insistem o questionamento de uma profissional, futura professora que busca auxiliar nesse processo de compreensão de construção das regras de escrita.

Especificamente, procuro: (a) identificar as fases para a aquisição da escrita dos alunos; e (b) analisar como esses alunos se apropriaram dessa escrita.

### **Alfabetização, suas concepções e a integração ao Ensino Fundamental de Nove Anos**

— Meu filho, você precisa ir pro colégio, aprender a ler, aprender todas as coisas...  
— Que coisas, mãe? — As letras, João, os números. Você vive perguntando as coisas.

Esse diálogo entre João e sua mãe remete à ideia de que é na escola que se aprendem as coisas, onde se conhecem as letras, os números, onde se alfabetiza. A alfabetização tem se evidenciado como temática nas pesquisas, pelos questionamentos de professores e

pesquisadores sobre como auxiliar os alunos a aprender a ler e escrever. Mas o que é alfabetização?

Em Batista (2006, p. 16), o termo “[...] designa, na leitura, a capacidade de decodificar os sinais gráficos, transformando-os em sons, e, escrita, a capacidade de codificar os sons da língua, transformando-os em sinais gráficos”.

Para Soares (2003, p. 16), “A alfabetização é especificamente, “processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita”. Além disso, a autora afirma que “a alfabetização é um processo de representação de fonemas em grafemas, e vice-versa, mas é também um processo de compreensão/expressão de significados por meio do código escrito”.

As visões de ambos os autores não se diferenciam, pois os dois revelam que a alfabetização é a capacidade de ler e escrever, decifrando tanto a escrita quanto os sons da língua, um processo de aquisição e apropriação do sistema de escrita, alfabético e ortográfico. Essas concepções têm estreita relação com o discurso de Morais (2005), ao colocar que a escrita é uma atividade de descoberta. Solitária, bem verdade, mas essa solidão permite uma elaboração interna, cognitiva, pois, apesar de muitas vezes serem levados apenas a copiar e a memorizar coisas, os alfabetizando pensam. Sim, enquanto, por exemplo, estão copiando e memorizando os traçados das palavras ou sílabas que lhes são apresentadas, vão realizando, solitariamente, todo um trabalho cognitivo, interno, de resolução de um enigma: desvendar como a escrita alfabética funciona (MORAIS, 2005, p. 41). A escrita alfabética é o último nível das fases de aquisição da escrita.

Na maioria das vezes, a criança alcança essa fase no 1º ano do Ensino Fundamental antes chamado de Alfabetização, quando era série integrante da Educação Infantil. Segundo Kramer (2006), o Ensino Fundamental de Nove Anos constitui importante conquista para as populações infantis e para as famílias, e uma ação necessária para promover a equidade no atendimento às crianças de 6 anos, sobretudo em redes de ensino que ainda não ofertam a Educação Infantil. O propósito dessa mudança é diminuir o fracasso escolar, proporcionando a todas as crianças maior tempo no convívio escolar. O Ensino de Nove Anos deve assegurar o envolvimento mais precoce das crianças dos meios menos favorecidos com a cultura escolar e com a língua escrita e seus usos, a fim de contribuir para a redução do fracasso na alfabetização (BATISTA, 2006). Como justificativa para a tomada dessa medida está o ingresso tardio de crianças dos meios menos favorecidos na escola.

## **Métodos e atividades de facilitação para a aquisição da escrita alfabética**

[...] as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação (BRASIL, 1998 p. 21).

É muito importante essa consideração quanto à aprendizagem, tendo em vista que a criança não é um ser passivo diante do conhecimento, ela não espera alguém que possua um conhecimento para transmiti-lo. É, sim, um sujeito ativo, que consegue pensar sobre o objeto de conhecimento da língua escrita num processo interativo social e escolar. Ela busca compreender o mundo ao redor, incorporando os elementos que pertencem ao meio, interpretando-os de acordo com seus esquemas assimilativos sendo então construídos a partir das fases. Será que existe um método específico para a facilitação da aquisição da escrita alfabética? Qual o melhor caminho para que essa aquisição seja facilitada? Essas questões nos levam a Ferreiro (2001), quando revela que os dados da pesquisa psicogenética não resolvem os problemas do ensino, mas colocam novos desafios relativos aos problemas clássicos da didática: o que ensinar, como ensinar, quando ensinar, o quê, como, quando e por que avaliar.

Esses desafios fazem parte do cotidiano dos professores que se deparam com tal realidade, na busca de métodos que auxiliem as crianças a avançar na aquisição da escrita alfabética. Galvão e Leal (2005) identificam os três métodos de ensino mais utilizados para essa escrita: sintético, analítico e o analítico-sintético. O método sintético foi o primeiro a ser utilizado e surgiu no século XVIII. A aprendizagem com esse método começa das partes para o todo: letras isoladas, sílabas, palavras com suas propriedades (alongamentos, acentuações). Com esse método,

Começamos a ler e escrever, sílaba por sílaba, inicialmente de forma lenta; em seguida, quando passado um tempo considerável, estão impressas no nosso âmagos suas formas determinadas. “Fazemos o mesmo exercício na forma mais fácil possível, de modo a poder ler com segurança e prontidão inacreditáveis, sem encontrar obstáculos em qualquer livro com que nos encontramos (ALICARNASSO apud MATTHEWS, 1966, p. 6).

O segundo método apontado pelos autores é o analítico. Esse método propõe que o trabalho parta das unidades maiores (frases, textos), para só a partir daí conhecer a construção das unidades menores (palavras e sílabas). Sobre esse método, Galvão e Leal (2005, p. 9) salientam que

A análise das unidades mais simples e elementares das palavras não é feita fora do significado que estas partes contribuem para formar. Esse método se fundamenta no fato de que os mecanismos formais da leitura não são necessários nas fases iniciais, podendo até tornarem-se um obstáculo. Nessa abordagem, concebe-se que a habilidade da criança em extrair o sentido do mundo da escrita implicitamente a capacitará a utilizar seus mecanismos. A explicação lógica do método analítico é que a criança não reconhece que as letras representam unidades de sons, de forma que o inteiro conjunto de letras é ensinado em sua totalidade como se representasse uma palavra específica.

O terceiro e último é o método analítico-sintético. A aprendizagem nesse método se dá a partir da prática simultânea da análise, comparação e síntese das frases, textos ou palavras. Segundo os autores (Galvão e Leal (2005, p. 9): “O método analítico-sintético deriva de um modelo de aprendizagem que, apesar de partir de conjuntos complexos da língua escrita, como palavras ou frases breves, focaliza sua atenção, de forma mais específica, nas fases de análises síntese”.

Do ponto de vista cognitivo, essa é a fase mais complexa da aquisição da escrita alfabética, por ser de análise-síntese, que, por si só, já leva à compreensão de que é necessária uma sistematização para não cair na espontaneidade. Na realidade, há por trás uma intencionalidade quando se trabalha com exercícios e ajuda, pois, como nos dizem os autores:

Na prática, é necessário que sejam escolhidas algumas palavras, frases ou textos simples, cuja análise, comparação e síntese, praticadas simultaneamente desde o começo, devem fazer conhecer à criança, na sucessão desejada, os elementos da língua que lhe permitem aprender o mecanismo da leitura (GALVÃO; LEAL, 2005, p. 9).

Quanto às atividades, depende muito das fases em que se encontra a criança, tendo em vista que cada fase exige uma atividade e uma aquisição diferente para que a escrita alfabética aconteça. Veremos, a seguir, o desafio de cada fase para que o avanço aconteça. Vale a ressalva de que suas características não são fixas, podendo um aluno estar num nível mais elevado que outro, no entanto na mesma fase.

- **Fase pré-silábica:** Emília Ferreiro (2001, p. 83) evidencia o percurso pelo qual a criança passa para a distinção entre desenho e escrita, mostrando que as primeiras escritas infantis se desenvolvem a partir do desenho. Para que o avanço dessa fase aconteça, é necessário que a criança compreenda a relação entre escrita e fala, e perceba a escrita nada tem a ver com desenhos e que palavras diferentes podem ter grafemas iguais. Nas atividades de análise fonológica, os alunos serão desafiados a perceber que palavras que começam ou terminam com o mesmo som

tendem a serem escritas com os mesmos grafemas. O trabalho com o nome das crianças, para que eles reconheçam as partes iguais do seu nome no dos colegas, é a mais propícia para o avanço dessa fase.

- **Fase silábica:** Nesta fase, a criança já reconhece que a escrita tem a ver com a fala; não tem tanta propriedade, mas é ciente disso. Essa fase tem duas subfases: a silábica qualitativa e a quantitativa. Nesta última, a criança acredita que para cada sílaba, é necessário um grafema; não necessariamente que haja na palavra, um grafema qualquer. Por exemplo, para “caneta” ela pode escrever “BAE”. Sobre a qualitativa, podemos afirmar que a criança já tem uma propriedade a mais quando se trata da escuta. Ela continua escrevendo um grafema para cada sílaba, só que agora esse grafema já faz parte do que ela escutou. Se fosse pedido para a criança escrever “caneta”, ela escreveria “AEA”, já que agora ela já conhece os sons. O desafio dessa fase é fazer a criança compreender que dentro da palavra existe uma unidade menor que a sílaba, denominada fonema. Como atividades sugestivas para a aquisição desse saber há os ditados e autoditados, além da escrita espontânea e da reflexão com o nome das crianças — mas desta vez com um outro objetivo, o de perceber que mesmo que os nomes tenham a mesma quantidade de sílabas, podem ter diferentes quantidades de letras. Essa atividade permite que ele perceba as unidades menores das palavras, possibilitando ao aluno passar para a fase silábica-alfabética.
- **Fase silábica-alfabética:** Nesta fase, a criança já conhece a relação entre fonemas e grafemas na maioria das palavras, embora tenha um pouco de dificuldade quando se trata das unidades menores das sílabas. Pode-se trabalhar com cruzadinhas, uma atividade que, graças à dificuldade da unidade menor das palavras, permitirá a revisão da escrita, progredindo a cada indagação própria.
- **Fase alfabética:** A escrita alfabética permite que a criança já reconheça as unidades menores (os fonemas) das palavras, agora sem dificuldades de transcrevê-la — podendo haver erros ortográficos, que devem ser trabalhados no processo de reflexão a partir dessa fase. É interessante realizar sistematicamente atividades com nomes próprios, para mostrar as regularidades da língua, como é o caso de Hugo e Ulisses, ambos iniciados com o mesmo som, mas com letras

iniciais diferentes; o som de letras que entre vogais mudam, como é o caso da letra *s*; e a necessidade do uso dos dígrafos para a substituição da “x” pelo “ch”.

Portanto, pode-se perceber que não existe o método ideal para que a facilitação aconteça, lembrando sempre que a realidade do aluno é de extrema importância e influencia seu desenvolvimento. O professor deve dinamizar e flexibilizar seu planejamento, as atividades e os métodos de ensinar, fazendo uso do que mais convém para o momento. É certo que a criança, antes mesmo de entrar na escola, já passa pelo processo da aprendizagem. Ela já consegue ver as coisas, falar, interagir com as pessoas etc., e esse conhecimento prévio de mundo auxiliará no desenvolvimento nos níveis das fases da escrita.

### **Formas de ler e compreender o mundo: o percurso teórico-metodológico**

- ***O contexto e os participantes da pesquisa***

Durante seis meses, vivemos e aprendemos com o 1º ano do Ensino Fundamental I de uma escola de rede particular de ensino, situada no bairro das Graças, em Recife. Na chegada à escola, deparamo-nos com a imagem da Irmã Dulce. Logo percebemos se tratar de uma escola filantrópica, de caráter religioso, tradicional no ensino de nossa cidade. É composta por dois prédios, um para a Educação Infantil e outro para o Ensino Fundamental I e II e o Ensino Médio. É uma turma homogênea quanto à escolaridade anterior, mas heterogênea quanto às fases da escrita. A professora, pedagoga de formação e com pós-graduação em Psicopedagogia, demonstrava, em sua forma de ser professora, que a monotonia não podia fazer parte desse contexto. O fato de participar das formações continuadas demonstra a busca pelo aprimoramento profissional; sendo assim, sente-se como construtora de conhecimento. Importante salientar que estabelecemos alguns critérios para escolha dos alunos: (I) ter participado das duas atividades; (II) ter respondido 80% da atividade; (III) ter 6 anos até a realização da segunda atividade. Nesse trabalho, os participantes — alunos e professora — serão identificados por nomes próprios fictícios, em respeito às suas identidades.

- ***Os instrumentos e procedimentos para construção dos dados***

Para atingir os objetivos propostos e responder aos questionamentos acerca do avanço nas fases de aquisição da escrita alfabética, utilizamos dois instrumentos: a diagnose do grupo de alunos e a observação das aulas com olhar nas crianças e na prática da professora nas

atividades de escrita. A diagnose se refere à ação de diagnosticar, ou melhor, recolher dados, analisá-los e, logo após, defini-los e avaliá-los. Segundo Pimenta e Lima (2008, p. 223), “O diagnóstico não se limita a uma visão inicial, mas se realiza como processo permanente de identificação das necessidades e possibilidades que permitam rever ou reafirmar as opções, uma vez que a realidade é dinâmica, viva, mutável”. As autoras defendem que o diagnóstico deve ser constante, tendo em vista que a realidade é mutável, e bem mais quando se trata de aprendizagem, nosso objeto de estudo. Realizamos atividades diagnósticas com autoditados. Nosso objetivo foi identificar em qual fase da aquisição da escrita os alunos se encontravam. A diagnose foi realizada com três autoditados diferentes. A primeira atividade foi aplicada pela professora no início do ano letivo; a segunda e a terceira atividade, por mim. No que se refere às observações, elas foram de caráter participante, uma vez que ocorreram de forma natural, na interação com os alunos e a professora regente de sala, visto que faço parte do cotidiano escolar. Para Lakatos e Marconi (2010), a observação é um instrumento que tornará possível conseguirmos informações utilizando os sentidos para a obtenção de determinados aspectos da realidade, no nosso caso, a sala de aula. Com as observações, pretendemos analisar a prática da professora, buscando identificar como e quando ocorre intervenção no processo de aquisição da escrita, fazendo atividades, trabalhos e leituras para que o avanço das fases da escrita aconteça e os alunos se apropriem da escrita alfabética.

### **Aprendendo a ver: quando o mundo se revela através das palavras**

Quando João saiu da escola, que surpresa! Na rua, nas placas, nos cartazes, estava pintado o desenho da professora.

Nos primeiros dias de observação, pudemos perceber que, assim como João, os alunos participantes desta pesquisa estavam aprendendo a ver. Eles já conheciam todos os desenhos (letras) pintados pela professora no quadro; depois foram descobrindo como brincar com esses desenhos e, assim, passariam a conhecer o mundo. Os desenhos da professora teriam sentido. A sintonia existia entre eles, mas só depois de uma ativa participação indicando os padrões silábicos de cada desenho, os alunos começaram a compreender que o que está escrito na rua, nas placas e nos cartazes é o cotidiano. Até que chegassem a essa conclusão, eles precisaram passar por diversas etapas, e só então conseguiram decifrar todos os desenhos, o que caracteriza a psicogênese da escrita (FERREIRO, 1996).



- *Fase silábica: as primeiras descobertas*

João puxou a saia da mamãe: — Olha, mamãe, quantos AAA nas paredes... A mãe do Joãozinho achou graça.

As primeiras descobertas aparecem como uma mágica e os desenhos vão tendo sentido, embora outros ainda sejam um mistério. Nessa primeira fase têm início as primeiras descobertas das crianças. Na sala de aula, diante das imagens conhecidas, impressas no papel, os alunos ensaiam uma representação do que veem, uma escrita de nomes simples, sem letras intrometidas ou palavras desconhecidas.

Compreendendo que a escrita é um processo heterogêneo, trazemos para discussão as produções realizadas por David, Manuel, Giovanna e Arnaldo nessa primeira atividade.

AcvV – boca – tro – OACH  
AVIÃO – BONECA – DADO – MAMÃO

Sabendo que a fase silábica varia quanto à quantidade (mínimo três letras) e à qualidade (letras que tem na palavra solicitada), podemos dizer que dos quatro alunos analisados, três estão na silábica quantitativa:

DAVID – GIOVANNA – ARNALDO

Esses alunos ainda não conseguem perceber que há relação entre escrita e fala, escrevem de modo aleatório, talvez por essas letras estarem em seus nomes, ou porque são as únicas de que lembram, as que mais veem. Podemos perceber ainda o realismo nominal, quando David escreve “AcvB”, não só pelo objeto ser grande, mas na intenção de expressar a sílaba mais forte (B=ão). Os alunos acreditam que os nomes emanam das coisas e que se localizam, de forma invisível, no próprio objeto (PIAGET, 1962). Apenas um dos alunos se encontrava na silábica qualitativa. Manuel já compreende que a escrita tem a ver com a fala. Não se sabe se por falta de atenção ou por de fato acreditar que essa é a escrita correta, ele escreveu duas das três sílabas, formando assim outra palavra, e esse foi o argumento usado para designá-lo nessa fase. Após corrigir os autoditados, a professora interveio de forma significativa. Ela não os devolveu aos alunos; continuou o trabalho com os padrões silábicos das palavras durante quase um mês, até realizar outra atividade. Nessa segunda atividade foi possível identificar o avanço para a escrita silábica-alfabética.

A professora dispõe de um conhecimento amplo sobre as fases da escrita, propiciando aos alunos atividades de acordo com cada fase. Realizou como atividade, para que o avanço acontecesse, autoditados, ditados e o trabalho com os nomes explorando os sons, fazendo-os perceber que fonemas e grafemas andam juntos nas palavras.

Nessa fase, os alunos já perceberam que existem partículas menores, mas não tem total propriedade dessas, que é nítida essa percepção a partir da escrita, a saber:

Petca – lapeli – sovt – pinea  
PETECA – LAPÍIS – SORVETE – PANELA

Esses quatro alunos passaram por uma terceira atividade. Dessa vez, a atividade foi aplicada dois meses após a segunda, tendo nesse meio tempo a intervenção da professora, com atividades de ditados de palavras e de frases e escrita espontânea. Foi o avanço de fase de aquisição da escrita desses quatro alunos:

Boulo – macaco – papaganho – apito  
BOLO – MACACO – PAPAGAIO – APITO

Depois de perceber o avanço dos alunos quanto à fase silábica, a professora trabalhou cruzadinhas, já que essa atividade permite ao aluno perceber melhor as partículas menores, fazendo-os refletir sobre sua escrita, ao perceberem que faltam ou sobram quadrinhos ou letras. Isso não quer dizer que eles não escreveram errado, mas que após escrever, por vezes repensarão e procurarão ver onde erraram; por outras, acreditarão no errado.

A partir dessa análise, é possível ver que alguns já dominaram, ao menos nas palavras solicitadas por meio do autoditado, a fase escrita alfabética. Como observadora, acredito que se fosse em uma cruzadinha, os alunos David e Geovana questionariam por que faltavam quadrinhos:

Ao chegar a este nível, a criança já franqueou a “barreira do código”, compreendeu que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que a sílaba, e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que vai crescer (FERREIRO; TEBEROSKY, 1986, p. 213).

- ***Fase silábica-alfabética :da hipótese à descoberta***

A classificação desse nível da escrita silábica-alfabética se deu a partir da análise da primeira atividade, realizada pela professora na primeira semana de aula, a fim de verificar o nível em que os alunos se encontravam. Trazemos agora, para a discussão, a escrita produzida pelos alunos Brenna, Pietro e Ayrton nessa primeira atividade.

Lapi – lapisi – sovte  
LAPÍS – LAPÍS – SORVETE

A fase silábica-alfabética é uma transição da fase silábica para a alfabética. O olhar na atividade dos alunos demonstra que eles ainda apresentam algumas dificuldades, mas já compreendem que existem partículas menores nas palavras. Uma análise mais individual permite identificar três alunos na mesma fase, mas com escritas diferentes. Por vezes, nomes com letra a mais, como o caso de Pietro, que escreveu o “T” depois do “S” da palavra “lápís”. Outras com letras a menos, como a aluna Brenna, que não escreveu a letra “S” no fim da palavra “lápís”, e, ainda o caso de Ayrton, que escreveu apenas a letra “V”, ao invés de escrever “VER”, da palavra “sorvete”.

Sobre essa fase da escrita, Ferreiro e Teberosky (1986, p. 194) revelam que:

O aprendiz abandona a hipótese silábica e descobre a necessidade de fazer uma análise que vai além das sílabas. É movido pelo conflito que experimenta a partir da hipótese silábica, juntamente com a exigência de quantidade mínima de grafemas e as formas gráficas que o meio lhe propõe.

Nesse momento, os alunos buscam encontrar complementos para a sua escrita, eles perceberam que faltou algo e tentam constatar relação entre grafemas e fonemas. A análise que o aluno faz do que escreve é voltado agora para as partículas menores das palavras, não só as sílabas. No fim do primeiro semestre, outra atividade foi realizada, e pôde-se constatar, a partir da escrita das seguintes palavras, que houve avanço e que agora os alunos já estavam na escrita alfabética:

Confeito – cadeado – papagaio

Não houve erros ortográficos e as dificuldades foram mínimas ao escrevê-las, pois muitas perguntas surgiram no momento em que estavam realizando atividade.

- *Fase alfabética: a descoberta*

No início do ano, os alunos Breno, Bella, Adrielly e Renata não tinham tanta dificuldade ao escrever e ler, mas ainda apresentavam alguns erros ortográficos. Foi solicitada nessa primeira atividade as seguintes palavras:

Mação – macão – masa – melau  
MAÇÃ – MAÇÃ – MAÇÃ – MELÃO

Pode-se dizer que a fase silábica é a fase completa da alfabetização. Quando o aluno está nessa fase, ele já compreende totalmente as partículas menores das palavras. Isso não quer dizer que todas as dificuldades tenham sido superadas; a partir desse momento, a criança se defrontará com as dificuldades próprias da ortografia. Não terá problemas de escrita, no sentido restrito (FERREIRO; TEBEROSKY, 1986, p. 213), mas de início podem haver erros ortográficos — como a escrita dos alunos, que escreveram as palavras “corretamente”, sendo possível ler sem tantos problemas, e essa escrita vem diante da falta de intervenção, já que eles chegaram das férias há pouco tempo. Nessa fase, segundo Ferreiro e Teberosky (1986, p. 213):

O aprendiz compreendeu que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que a sílaba e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que vai escrever. A partir desse momento, a criança se confrontará com as dificuldades próprias da ortografia, mas não terá problemas de escrita, no sentido estrito.

Na segunda atividade, após a intervenção da professora, os alunos não erraram nenhuma das palavras solicitada, a saber:

Maçã – maçã – avião – bombom

Após a intervenção da professora, trabalhando com os alunos os dígrafos, “M” antes de “P” e “B” etc. (que só devem ser trabalhados após uma total aquisição da escrita alfabética), esses erros não ocorreram com tanta frequência.

— GENTE, EU JÁ SEI LER!

## **Considerações sobre a apropriação da escrita alfabética**

Esta pesquisa teve como intuito investigar os avanços das fases de aquisição da escrita dos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental I para a apropriação da escrita alfabética, sendo alcançados todos os objetivos e respondidos os questionamentos que surgiram durante todo o processo de escrita. A alfabetização é um processo que requer tanto de quem aprende quanto de quem ensina, e se dá de forma gradativa e processual. Para que a criança possa ser considerada alfabetizada, ela deve ter se apropriado da escrita alfabética, a última fase da aquisição da escrita. Após alcançada essa fase, a criança já consegue ler, interpretar, compreender, escrever. Essa fase normalmente é alcançada no fim da Educação Infantil, chegando já ao Ensino Fundamental I no início dessa fase. Essa nova proposta foi idealizada para que a criança tivesse contato com a escrita desde muito cedo e por mais tempo, para que o fracasso escolar, principalmente na alfabetização, diminuísse. Vale a ressalva de que não adianta só estar na escola por mais tempo, é preciso aproveitar esse tempo para maior empenho no aprendizado. Quanto ao sucesso e ao fracasso escolar, estão também fatores de ordem psicológica (número de filhos), ambiental (nível socioeconômico) e metodológica (prática do professor). Isso não quer dizer que esse aluno não aprenderá, mas que pode tardar a aprender caso esteja passando por algumas dessas dificuldades. Quanto à prática do professor, este terá que escolher o método (analítico, sintético e analítico-sintético) mais adequado para a realidade de seus alunos, sendo necessário o conhecimento prévio da turma. Além dos métodos, o professor tem que “diagnosticar” seus alunos quanto às fases da escrita, para que, a partir daí, possa propiciar a esse aluno a atividade ideal para a superação dessa fase. A partir da análise dos dados colhidos pode-se dizer que o avanço da fase da escrita até o alcance da escrita alfabética se dá de forma gradativa e processual, sendo necessária a intervenção do professor nesse processo, uma vez que ele propiciará ao aluno o caminho exato a ser percorrido, contando com o incentivo e a ajuda dos pais, claro.

Nesse sentido, é imprescindível conhecer para intervir. Desenvolver com os alunos as atividades propostas em cada fase de aquisição da escrita, atividades essas que, além de objetivas, sejam motivadoras, que façam os alunos se identificar para que, assim, a aprendizagem se torne significativa.

## **REFERÊNCIAS**

BRASIL. Ministério da educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial curricular para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BATISTA, A. A. G. Alfabetização, leitura e escrita. In: CARVALHO, M. A. F.; MENDONÇA, R. H. (Org.). **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: MEC, 2006. p. 13-17.

FERREIRO, E. **Cultura escrita e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

KRAMER, S. A infância e sua singularidade. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de 6 anos de idade**. Brasília: MEC, 2006.

GALVÃO, A.; LEAL T. F. Há lugar ainda para métodos de alfabetização? Conversa com professores(as) In: MORAIS, A. G.; ALBUQUERQUE E. B. C.; LEAL T. F. (Org.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica: técnicas de pesquisa**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MORAIS, A. G. Se a escrita alfabética é um sistema notacional (e não um código), que implicações isto tem para a alfabetização? In: MORAIS, A.; ALBUQUERQUE, E.; LEAL, T. **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2005.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. São Paulo: Vozes, 2008.

SOARES, M. **As muitas facetas da alfabetização**. In: Alfabetização e letramento. São Paulo: Contextos, 2003. p. 13-25.